



# Um Ouvido Por Um Olho\*

Lilian Zaremba<sup>1</sup>

Rádio MEC-FM, Rio de Janeiro, RJ

E-mail: lizaremba@gmail.com

## \* An Ear For An Eye

---

### Resumo

Proposta curatorial para a Kunstradio, explorando a pergunta que se coloca frente ao novo formato de radiodifusão multimídia : rádio pode ser visual? Esta pergunta foi respondida de várias formas por artistas convidados: Julio de Paula, Marco Scarassatti, Thelmo Cristovan, Lenora de Barros, entre outros. Transmissão em 2016.

### Palavras-chave:

Kunstradio, radiodifusão, multimídia.

### Abstract

Curatorial proposal for Kunstradio, exploring the question that arises from the new format of broadcasting multimedia : radio can be visual? This question was answered in different ways by invited artists: Julio de Paula, Marco Scarassatti, thelmo Cristovan, Lenora de Barros, among others.

### Keywords

Kunstradio, broadcasting, multimedia.

---

*but all that radio is, Morty,  
is making audible to your ears  
what was already in the air and available to your ears,  
but you couldn't hear it...  
in other words, all it is which you're already in.  
You are bathed in radio waves.*

**John Cage**  
**Conversation with Morton Feldman**  
1966-67

---

<sup>1</sup> Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e produtora da Rádio MEC-FM.

Talvez você não saiba mas, bem antes de poder enxergar algo, já escutava. Aos quatro meses e meio o banho de sons começou ali mesmo dentro daquela barriga onde você crescia captando a voz dela, seu coração batendo, ou seus intestinos funcionando... quando sua mãe respirava, ria, engolia, soluçava... você escutava. Muito antes de ver algo e também sentir gosto de alguma coisa ou enxergar uma cor... também o tato era improvável porque tudo flutuava. Apenas o som existia.

Então você saiu daquele banho sonoro: nasceu.

Rápido e instantaneamente todos os outros sentidos – lembra Walter Murch – entram em cena, e os sons diminuem de importância.

De fato a separação entre som e imagem em nossa experiência vital não existe (a menos que exista alguma deficiência física). É muito difícil imaginar um universo, um mundo, absolutamente surdo mudo. Mesmo trancado em uma câmara totalmente isolada de sons – provou John Cage – acabamos escutando nosso coração batendo, nosso sangue fluindo pelas artérias, para nem citar nossa barulhenta respiração. Não por acaso, vários artistas na segunda metade do século XX se interessaram em integrar trabalhos plásticos com sons. Mas antes dessa época outras artes já trabalhavam com imagem e som – cinema, para dizer o mínimo.

Esse olho tem dentes  
Esse olho tem língua,  
Esse olho fala.

Um ponto pode estar equidistante no espaço. A questão será determinar este espaço: o vidro de um aquário sem água, aquele aquário que é um estúdio de som... a distância entre o som e o crânio plugado direto em um headphone... o ponto entre seus ouvidos, ou apenas a distância entre suas orelhas ?

Os hemisférios cerebrais alternam afazeres da inteligência. Para cada lado da cabeça, direita ou esquerda, se atribuem qualidades específicas. Mas para ouvir, basta que as ondas inundem seus ouvidos vibrantes. Não faltam aparelhos que amplifiquem esta experiência, fazendo com que ouvir se multiplique no complexo espaço entre nossas orelhas. Então, alguém liga ou clica aquele botão na era dos mídias digitais quando o conceito do que se convencionou entender por “rádio” vem sendo demolido rapidamente nas lacunas e na homogeneização das práticas midiáticas globalizadas. OK, uma grande revolução. Mais uma... e novamente a ameaça padrão: o rádio vai morrer. Signos atuais de dissolução da centralização das mídias de massa como as emissoras virtuais, independentes, pessoais, interativas, representam mudanças significativas na tradição radiofônica, jogando luz em ideias centenárias como a sugestão “broadcast yourself”, mensagem dos pioneiros do rádio Fessenden e De Forest, hoje atual mote do Youtube.

São apenas alguns passos nessa dança, mas ninguém parece desistir dessa perspectiva que já se mostrou falha episodicamente, talvez porque, desta vez já desenhe alguma diferença estética mutante no horizonte: na radiodifusão multimídia o rádio tem imagens – e não apenas imagens sonoras.

Propostas cujas fronteiras, nem sempre bem delineadas, evoluem em contraponto ao diálogo entre artistas e teóricos quando percebem a arte do rádio independente se deparando com novas possibilidades. Sim, mais que uma ameaça se coloca um desafio estimulante para outra reinvenção radiofônica.

## **A questão da imagem no rádio**

Não cabe alongarmos sobre as possibilidades da imagem, apenas gostaríamos de apontar duas percepções iniciais: a imagem que por si só já se apresenta

sonora, como aquela em que se estoura bolhas de sabão; ou ventania, ou alguém falando ao pé do ouvido. Ao ver essas imagens imediatamente escutamos algo imaginado.

Ainda mais indireta, a imagem que sugere escutas em suas referências: ao ver esses pés – posicionados como aqueles do quadro *A Sagração da Primavera*, de Botticelli – sua memória se refere à História da Pintura desses pés ao mesmo tempo em que segue novos passos como naquele filme: ao escutar cair pedras de galena sobre esses mesmos pés. Dessa forma, a “imagem do rádio” é formada por uma série de referências que incluem o histórico do áudio e visual.

Vale lembrar o impacto da voz de Jean Négroni no filme *La Jetée*, realizado em 1962 por Chris Marker. Reunindo fotografias, Marker construiu sua narrativa fílmica apoiada na voz confessional de Negróni, que depois disse “eu tinha uma voz grave ligeira de narrador”. Uma voz interior como tão bem define tantas falas radiofônicas. Semelhante a essa voz confessional, Derek Jarman em seu derradeiro filme, *Blue*, nada mais oferece do que cores azuis na tela lisa e os reflexos desta voz. Leituras que remetem à visão, assim como também em *Nouvelle Vague* Godard coloca continuamente Alain Delon recitando para si mesmo, nesta voz que, para tantos, guarda um rádio. Outras propostas aparecem como exemplos, nem todas exatas, mas vale lembrar estas que se propõem a “ver a música” através de animação gráfica, ou desenhos animados.

A questão da interação entre arte e som, lembra o crítico italiano Germano Celant, está entrelaçada em toda a história da arte do século 17 ao 21, neste anseio por investigar espaço sensorial ou território que não se encaixe na tradição ocidental e suas coordenadas esquemáticas. Assinala todo o curso da modernidade o desenvolvimento de relações sinestésicas entre diferentes linguagens de comunicação, com o objetivo de encontrar um outro, uma outra ordem não convencional.

Mas até que ponto essas imagens são rádio?

Uma língua é o lugar de  
onde se vê o Mundo e  
no qual se desenham os limites  
do nosso pensar e sentir

...disse Vergílio Ferreira, poeta português.

O que fecha os olhos?

O que abre os ouvidos?

Se os ouvidos podem ver, “rugar” então será a fala do leão entornada em nossos olhos. Mas resta a pergunta: como congelar a escuta numa imagem? Assistir ao filme *E o Vento Levou* na televisão ou gravado em formato DVD ainda é filme ou se tornaria um vídeo? Um arquivo em MP3 ainda é música? Um rádio que transmite mas não pertence a nenhuma emissora ainda é rádio? Rádio fora do rádio? Rádio além rádio?

Produzir uma escuta no rádio pode ser caminho para renovar a percepção auditiva, de alguma forma revisitando a imagem pela orientação do áudio. Sem perder o foco da escuta, sem perder o propósito desta escuta. Sim, tremendo desafio multimídia e parece evidente, ação ainda in progress.

um dia terei as palavras  
e elas serão simples

...disse Jack Kerouac

O rádio pode agora levar você a mapas visuais.

palavras recompostas...  
palavras desconstruídas...  
palavras atravessadas...  
vozes captadas  
vozes compartilhadas por ouvidos que também enxergam com os olhos.  
Um ouvido por um olho.  
E sempre que alguém pergunta “isto é rádio?!”  
O rádio nasce outra vez.

Este o mais recente desafio: manter a estética determinante na existência radiofônica mesmo adicionando imagens. Para isso será preciso que esta inclusão visual seja feita de forma sutil e inteligente, caso contrário vai ser julgada como “filme”, “televisão”, ou algo que não consiga se sustentar diante da própria história das imagens ou do rádio. Isto é, quando se consegue uma configuração radiofônica que interaja fortemente com a imagem visual, então é possível que encontremos este “rádio visual”. Buscando este novo caminho – ainda um *work in progress* – me deparei com a seguinte percepção: trabalhos realizados em diferentes “rótulos” ou “áreas” estavam trilhando possíveis novas formas de rádio.

Seguindo este caminho, reuni os trabalhos que venho encontrando ao longo desses últimos, destacando em meu programa semanal Rádio Mirabilis, transmitido pela emissora pública MEC-FM do Rio de Janeiro (também por satélite e online) Neste espaço radiofônico venho apresentando trabalhos desses artistas, paisagens sonoras e arte sonora apenas em formato de áudio/rádio, que, embora potentes deixam de lado a parte visual das instalações, fotografias, os filmes que acompanham. Este material que ainda não se apresenta como rádio num site já é bem presente em lugares como o Facebook, por exemplo.

Não pretendo sugerir alguma tese apenas gostaria de revelar parte do panorama brasileiro proposto neste presente, já quase futuro do rádio. Em 2015, aceitei ser curadora de uma série<sup>2</sup> para a Kunstradio (emissora de radioarte austríaca) e sugeri trabalhos em radiodifusão multimídia, ou seja, que tivessem imagens. Entre os trabalhos apresentados pelos artistas que aceitaram esse meu desafio, vale destacar aqui as respostas de Julio de Paula e Marco Scarassatti.

Julio, radioartista, rádio documentarista, editor sonoro, professor da Cásper Líbero, vem desde 2008 empreendendo viagens pela América Latina, segundo ele, como “um turista aprendiz”. Resultam dessas viagens gravações e imagens em estruturas que marcam a palavra justaposta a *soundscapes*. Esta obra especialmente produzida para minha curadoria na Kunstradio, intitulada *El sur es el norte*, traz a tentativa deste viajante errante perdido nas suas histórias e memórias, em reconectar-se com o mundo natural. Uma peça radiofônica surge como som na sua essência mas insere-se no formato “*visual radio*” experimentando essa nova possibilidade.

Marco Scarassatti, músico, artista inventor de plásticas sonoras, professor universitário, produziu a obra intitulada “O cotidiano e a música, cozinhando sons” uma operação alquímica acontece na transformação dos elementos. Câmera a pino em cima do fogão e os sons das panelas fritando, cozinhando, diferentes pratos que se alternam numa edição musical dessas sonoridades. Do ordinário ao extraordinário, o alimento básico vira o prato de comida, e o som como unidade, a música. Essa série de música imagética capta os sons provenientes da ação do fogo no alimento, do cozimento à fritura, para deles abstrair-se a música, que como a fumaça se desprende da panela.

Esses dois belos trabalhos atendem perfeitamente ao desejo dos nossos

---

<sup>2</sup> A série “Um ouvido por um olho” pode ser assistida através do site da Kunstradio, no endereço eletrônico: [http://kunstradio.at/PROJECTS/CURATED\\_BY/ANEYE/index.html](http://kunstradio.at/PROJECTS/CURATED_BY/ANEYE/index.html)

ouvidos em escutar algo estimulante à imaginação, mas aceitando olhos como parceiros, sem deles depender ou abrir mão. Um novo rádio surge... nova ameaça de seu fim é derrubada.

### Referência

CHION, Michel. **AudioVision sound on screen**. Nova York: Columbia University Press, 1990.